

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Gustavo Di Giorgi Ramos

**O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina?**

**Efeitos e destinos da experiência gemelar**

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Gustavo Di Giorgi Ramos

**O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina?**

**Efeitos e destinos da experiência gemelar**

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Maria Lívia Tourinho Moretto

São Paulo

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL  
DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU  
ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE  
CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Di Giorgi Ramos, Gustavo

O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina? Efeitos e destinos da experiência gemelar/ Gustavo Di Giorgi Ramos, orientadora Maria Livia Tourinho Moretto. -- São Paulo, 2021.

142 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Psicanálise 2. Gemelaridade 3. Atendimentos Clínicos 4. Constituição Subjetiva  
5. Experiência Gemelar I. Tourinho Moretto, Maria Livia, orient. II. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Gustavo Di Giorgi Ramos

Título: O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina? Efeitos e destinos da experiência gemelar

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho aos meus pais. À minha mãe, Beatriz, pelas poesias e risadas, pelo saber e o sabor das palavras. À meu pai, Luís, por me ensinar a montar e desmontar, pelas caronas, figurinhas e o companheirismo. Por todo amor que recebi e recebo de vocês.

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup>. Maria Lívia Tourinho Moretto, pela dedicação e comprometimento com o trabalho, que sempre me inspira. Por tudo o que você ensina. Por ter o afeto sempre presente. Por ser um grande exemplo, sem nunca se colocar como modelo ou pedir que façamos à sua maneira.

À Univesp, pelo auxílio e investimento nesta pesquisa.

À prof<sup>a</sup> Emma Otta, pelo convite que deu origem à essa pesquisa. Pela valorização da ciência e por sustentar a interdisciplinaridade. Pelos ensinamentos, desde as aulas da graduação, com risadas inesquecíveis.

À prof<sup>a</sup> Ada Morgenstern, pela parceria, pelos ensinamentos e pela gentileza. Por ter me recebido em sua casa, com cafézinho e pão de queijo, nas primeiras conversas sobre o projeto gemelar. Foi um dia incrível.

À prof<sup>a</sup> Adela Gueller, pela parceria e por sempre levar minha pesquisa à sério. Pela sua leitura, que admiro muito. Sem suas contribuições, essa pesquisa não teria avançado.

Ao prof. Daniel Vitorello, pelas inúmeras contribuições e ensinamentos ao longo de todo o percurso deste trabalho. Obrigado por ser alguém com quem sempre pude contar.

Ao grupo Gemelar: Josseline Sanches, Juliana Pedroso, Maycon Fraga, Paulina Mei, Taísa Martinelli e Vanessa Freitas. As contribuições de vocês foram fundamentais. Acho incrível como só nos encontramos presencialmente uma vez no início de 2020, mas desenvolvemos um trabalho potente, e tenho um grande carinho por todos. Esse grupo me surpreende e me ensina algo a cada encontro. Maycon, te agradeço por estar comigo desde o início na pesquisa no braço clínico, sem sua contribuição essa dissertação não teria sido possível.

Ao grupo de orientação e aos membros do LabPSI. Aos queridos: Alyne Braghetto, Cláudio Akimoto, Daniela Bezerra, Daniela Ferraz, Diene Gimenes, Eliane Dias, Enzo Pizzimenti, Isabela Ledo, Laura Bechara, Luciana Chagas, Julia Catani, Lara Mundim, Layla Gomes, Marcus Vinicius Netto, Mayra Xavier, Mariana Ribeiro, Mariana Seuaciuc, Marina Lavrador, Marina Pagani, Patrícia Leite, Paula Maia, Rafael Trevizoli, Sophie Bergheimer, Thais Pereira, Wilian Fender. Não esqueço da primeira reunião do grupo da qual participei: ainda na graduação, enquanto fazia I.C., na época que nos reuníamos ainda na sala da Lívia. Fiquei tão encantado pela qualidade do grupo e das discussões, acho que dali nasceu meu desejo de ingressar no mestrado. É uma alegria e uma responsabilidade fazer parte deste grupo. Laura, te agradeço pela nossa amizade, por ter o privilégio de compartilhar espaços diversos com você, e pelo convite inicial para a IC que desembocou nesse projeto.

À Cláudia Rocha, pela execência no seu trabalho e por todo auxílio fornecido sempre que foi preciso. Muito obrigado!

Aos professores e funcionários do Colégio Santa Cruz, do Teatro Escola Céla Helena e da Universidade de São Paulo. Nos tempos difíceis em que vivemos, todos aqueles que trabalham com educação e formação nos dão esperança de um futuro melhor.

Aos supervisores, aos analistas e analisandos. Todos aqueles que estiveram comigo em diferentes lugares na práxis psicanalítica.

À minha irmã Isabel, que ao chegar no mundo fez de mim um pouco menos único.

Ao meu avô Flávio Di Giorgi, *in memoriam*, o professor mais incrível desse mundo.

Ao Bruno Nunes, meu melhor amigo.

Ao Lucas Poli, pelo vigor e entusiasmo com o fazer universitário.

Ao Daniel, brother de yoga.

Aos amigos do Fergs: Ari, Bia, Bruno, Clau, Diego, Ed, Gabi, Gonça, Isa, Jojo, Jo Suplicy, Jone, Ju Knu, Ju Forbes, Ju Pig, Lau, Lili, Lufre, Marina, Mare, Paula, Re, Ro, Sofia e Tande. É uma sorte ter amigos como vocês.

Aos amigos que tive a alegria de compartilhar a graduação: Calife, Dani, Deco, Flor, Noá, Pt e Rafa. Pt, te agradeço pela amizade, pelos muitos espaços que compartilhamos, pelo interesse comum na psicanálise.

Aos amigos da casinha de Todes: Pedro, Pini, Clara, Isa, Mari, Gui e Capi. Foi um alívio ter vocês por perto em meio a escrita atravessada por uma pandemia.

À Lari, com amor. Te agradeço pelo companheirismo, pelos momentos que *nós* vivemos juntos e pelas nossas diferenças, também. Sua presença é fundamental para mim. É uma grande alegria viver com você.

*Ser*

*O filho que não fiz  
hoje seria homem.  
Ele corre na brisa,  
sem carne, sem nome.*

*Às vezes o encontro  
num encontro de nuvem.  
Apóia em meu ombro  
seu ombro nenhum.*

*Interrogo meu filho.  
objeto de ar:  
em que gruta ou concha  
quedas abstrato?*

*Lá onde eu jazia,  
responde-me o hálito,  
não me percebeste,  
contudo chamava-te*

*como ainda te chamo  
(além, além do amor)  
onde nada, tudo  
aspira a criar-se.*

*O filho que não fiz  
faz-se por si mesmo.*

*Carlos Drummond de Andrade*

## RESUMO

Ramos, G.D.G (2021). *O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina? Efeitos e destinos da experiência gemelar* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Essa pesquisa surge como sequência do trabalho de Iniciação Científica intitulado “Literatura psicanalítica sobre gêmeos: especificidades da clínica”. O trabalho é parte do ‘Braço Clínico’ do estudo com gêmeos — coordenado pela professora Maria Lívia Tourinho Moretto — que integra a rede de pesquisa PAINEL USP de Gêmeos, — coordenado pela professora Emma Otta — no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O grupo de pesquisadores do ‘Braço Clínico’ realiza, desde 2017, atendimentos a pacientes gêmeos na Clínica Escola do Instituto de Psicologia, e desde 2020, atua em parceria com pesquisadores do Instituto Sedes Sapientiae, no grupo Gemelar. O objetivo da pesquisa é investigar as demandas, questões e narrativas de sofrimento trazidas pelos pacientes gêmeos e seus familiares, tanto nos atendimentos realizados quanto na literatura sobre o assunto, de modo a obter subsídios para uma reflexão clínica e crítica a respeito dos ensinamentos e desafios pertinentes a gemelaridade no campo psicanalítico. Utilizamos o método clínico psicanalítico, valorizando a articulação entre clínica e teoria nessa investigação. Como resultado, construímos um panorama com os principais textos encontrados na literatura, categorizados a partir do enfoque dos clínicos, dos pais de gêmeos e de gêmeos que publicaram sobre suas experiências. Neste panorama, os autores utilizam e privilegiam conceitos diversos para tratar das especificidades da condição gemelar, entre eles: narcisismo, identidade, indivíduo, sujeito, diferenciação, indiferenciação, separação, transferência, contratransferência. Para além dos conceitos e especificidades destacados, depuramos dois eixos de leitura e posicionamento dos autores quanto as questões gemelares: o primeiro deles toma por base o desafio dos gêmeos quanto à aquisição de uma identidade individual e considera que eles tem uma dificuldade a mais para se diferenciarem e alcançarem uma identidade única, fugindo de um narcisismo mortífero ao qual a condição gemelar predisporia. O segundo eixo, que contrasta com o anterior, frisa a importância de os clínicos estarem atentos ao que é próprio das vivências dos gêmeos e não tratá-los pela ótica dos filhos únicos, dando especial atenção às vivências do par e suas marcas na constituição da subjetividade. A partir de nossa experiência clínica, valorizamos as considerações dos autores que localizamos nesse segundo eixo, e aprofundamos nossas investigações sobre a relação entre o individual, o singular e o par. Para tal discussão, tomamos por base a noção de experiência gemelar, para pensar em seus efeitos nas dimensões do imaginário, do simbólico e do real. No tocante ao imaginário, exploramos as experiências de indiferenciação entre eu e outro, relacionadas a temática do duplo. No simbólico, destacamos as dificuldades do reconhecimento no laço social de experiências cujo denominador não é o indivíduo. Quanto à dimensão real, discutimos as marcas da dupla na constituição subjetiva, tendo por base o conceito de *objeto a*. Concluimos que é possível tomar a gemelaridade como um dado clínico relevante, e que isto pode contribuir para a escuta e direção do tratamento, a partir dos seus efeitos singulares em cada experiência. Espera-se que os leitores e clínicos possam se valer das considerações aqui propostas, em especial, nos casos marcados pelos efeitos da experiência gemelar.

*Palavras-chave:* psicanálise, gemelaridade, constituição subjetiva, atendimentos clínicos, experiência gemelar.

## ABSTRACT

Ramos, G.D.G (2021). What does the psychoanalytic practice with twins teach us? Effects and destinations of the twin experience. (Master's Degree Dissertation). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This research comes as a sequence of the Scientific Initiation work entitled "Psychoanalytical literature on twins: specificities of the clinic". The work is part of the 'Clinical Branch' of the study with twins - coordinated by Professor Maria Livia Tourinho Moretto - which is part of the research network USP Panel of Twins, - coordinated by Professor Emma Otta - at the Institute of Psychology at the University of São Paulo. The group of researchers of the 'Clinical Branch' has been providing care to twin patients at the School Clinic of the Psychology Institute since 2017, and since 2020, it has been working in partnership with researchers from the Sedes Sapientiae Institute, in the Gemelar group. The aim of this research is to investigate the demands, issues and narratives of suffering brought by twin patients and their families, both in the treatments performed and in the literature on the subject, in order to obtain subsidies for a clinical and critical reflection on the teachings and challenges related to twins in the psychoanalytic field. We used the psychoanalytic clinical method, enhancing the articulation between clinic and theory in this investigation. As a result, we built a panorama with the main texts found in the literature, categorized from the focus of clinicians, parents of twins and twins who published about their experiences. In this panorama, the authors use and privilege diverse concepts to deal with the specificities of the twin condition, among them: narcissism, identity, individual, subject, differentiation, undifferentiation, separation, transference, countertransference. In addition to the concepts and specificities highlighted, we deputed two axes of reading and positioning of the authors as to twin issues: the first of them is based on the challenge of twins as to the acquisition of an individual identity and considers that they have an extra difficulty to differentiate themselves and achieve a unique identity, escaping from a deadly narcissism to which the twin condition would predispose them. The second axis, which contrasts with the previous one, stresses the importance of clinicians being attentive to what is proper of the twins' experiences and not treating them from the point of view of single children, giving special attention to the pair's experiences and their marks in the constitution of subjectivity. Based on our clinical experience, we value the considerations of the authors that we locate in the second axis, and we deepen our investigations about the relationship between the individual, the singular and the pair. For this discussion, we took the notion of twin experience as a basis, to think about its effects in the dimensions of the imaginary, the symbolic, and the real. Regarding the imaginary, we explore the experiences of indifferentiation between the self and the other, related to the theme of the double. In the symbolic dimension, we highlight the difficulties of recognition in the social bond of experiences whose denominator is not the individual. As for the real dimension, we discuss the marks of the duos in the subjective constitution, based on the concept of object a. We conclude that it is possible to take twinning as a relevant clinical fact, and that this can contribute to the listening and direction of treatment, from its unique effects in each experience. It is hoped that readers and clinicians can make use of the considerations proposed here, especially in cases marked by the effects of the twin experience.

*Keywords:* psychoanalysis, twins, subjective constitution, clinical care, twin experience.

## 1. APRESENTAÇÃO

Ao contar para as pessoas sobre a temática deste estudo, abrangendo psicanálise e gemelaridade, diversas vezes já me perguntaram se eu tenho um irmão gêmeo. Não tenho e, portanto, não foi por este motivo que comecei minha pesquisa. É curioso que grande parte dos trabalhos publicados sobre assunto são efetivamente escritos por autores com esta condição, seus familiares ou amigos próximos, e, também, clínicos que se deparam com questões desse âmbito em seus consultórios. Esse é certamente um ponto de partida possível para a questão.

A minha entrada se deu por outra via. Dentro do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) existe um projeto de estudo de gêmeos, ao qual eu me juntei. O projeto mais amplo chama-se Comportamento de Gêmeos e é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Titular Emma Otta<sup>1</sup>, do departamento de psicologia experimental. A parte desse projeto na qual eu me inseri é o Braço Clínico do estudo de gêmeos (Braço Clínico), que é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Titular Maria Lívia Tourinho Moretto (também orientadora da referida iniciação científica e desta pesquisa de mestrado).

Quando me inseri no projeto, em meados de 2016, eu estava no meu 4º ano da graduação em psicologia, interessado em psicanálise e realizando meus primeiros atendimentos. Na época, não tinha tido contato prévio com a pesquisa em psicanálise, mas me interessei pelo projeto e resolvi participar. Foi então que realizei um trabalho de Iniciação Científica (I.C.) no período de 2016 a 2017, que teve como título “Literatura psicanalítica sobre gêmeos: especificidades da clínica”. Além da I.C., no ano de 2017, comecei a atender casos de pacientes que são gêmeos e de seus familiares, no Centro Escola do Instituto de Psicologia (CEIP), junto com colegas do Braço Clínico.

Na I.C. e nos atendimentos, pude entrar em contato com uma série de questões relativas a gemelaridade que me instigaram a seguir com a pesquisa através do mestrado, e que também são parte importante da minha formação, em andamento, de analista e de pesquisador. Desde de 2020 tenho também a alegria de participar do grupo de pesquisa

---

<sup>1</sup> A quem agradecemos pela parceria de trabalho e pelo convite para a criação do Braço Clínico do estudo com gêmeos.

Gemelar, fruto de uma parceria entre pesquisadores do IPUSP e do Sedes, implicados e interessados nas questões e desafios que a clínica nos imputa.

Ao longo desse trajeto, em meio às diversas questões que se colocam nesse campo, pude delinear e construir o recorte dessa pesquisa, que investiga efeitos e destinos de experiências gemelares na clínica psicanalítica. Tal delimitação não se fez apartada do percurso dessa pesquisa, relatado aqui nesta apresentação, buscando esclarecer seu contexto, e com quais referências dialoga.

O projeto de pesquisa sobre o Comportamento de Gêmeos se insere no contexto das pesquisas da área da saúde que tem por base a gemelaridade. A pesquisa parte da constatação de que embora grandes universidades internacionais mantenham centros de pesquisa para estudo de gêmeos, faltam no Brasil estudos de gêmeos diretamente voltados à investigação de características psicológicas e comportamentais. Soma-se a isto a constatação do aumento dos nascimentos múltiplos no mundo, que se deve tanto ao avanço das técnicas médicas para gravidezes quanto ao aumento de gravidezes consideradas tardias, que aumentam sua probabilidade. (Otta, 2016).

A metanálise mais completa, realizada com base em 50 anos de estudos de gêmeos, foi publicada em 2015 no periódico *Nature* (Polderman et al., 2015, pp. 702–709). Esta metanálise foi realizada com base em 2.748 estudos realizados entre 1958 e 2012, metade destes publicados depois de 2004, o que mostra o crescimento do tema de pesquisa no mundo. Os estudos eram provenientes de 39 países sendo a maior parte (34%) realizada com gêmeos vivendo nos EUA. Os continentes da América do Sul (0.5%), África (0.2%) e Ásia (5%) estavam notavelmente sub-representados.

Examinando-se a lista de artigos por país tem-se, por exemplo, que apenas 10 estudos foram realizados no Brasil (1.352 pares) em comparação com 947 nos EUA (948.302 pares), 377 no Reino Unido (882.495 pares) e 259 na Austrália (491.103 pares). Os 2.748 estudos foram escritos por 61 comunidades de autores. Dentre os artigos que incluíam autores vinculados a Instituições de Ensino Superior brasileiras, encontram-se trabalhos na área da Genética, da Medicina, da Odontologia e da Educação Física. Nenhum trabalho da área da Psicologia fez parte desta metanálise, que pode ser considerada a mais completa e atualizada sobre gêmeos (Otta, 2016).

Na área da saúde, os estudos com gêmeos têm sido usados como modelo privilegiado para investigação do lugar e da importância da carga genética e da influência

ambiental, na medida em que visam a resolução de problemas de saúde não apenas para gêmeos, mas para a população em geral (Denardin et al, 2013).

O objetivo geral da pesquisa sobre Comportamento de Gêmeos é estudar gêmeos monozigóticos (MZ) e dizigóticos (DZ), com especial interesse nas diferenças e similaridades entre eles, em valores, atitudes, características de temperamento, preferências e comportamento não-verbal. Para tanto, além das pesquisas, realizam-se uma série de atividades culturais e de extensão. Pesquisadores envolvidos no projeto, sob coordenação da Prof.<sup>a</sup> Emma Otta, criaram o Painel USP de gêmeos, e seguindo o exemplo de grandes universidades a nível internacional, organizam, anualmente desde 2016, os eventos de Encontros de Gêmeos na USP. Neles ocorrem apresentações artísticas e culturais, cadastros de novos participantes para as pesquisas, rodas de conversas de gêmeos e familiares, divulgação científica dos resultados obtidos, entre outras atividades.

A partir de uma demanda de escuta do sofrimento de gêmeos e seus familiares, por meio de atendimentos clínicos, formou-se um trabalho de cooperação de pesquisa entre os departamentos de Psicologia Clínica (PSC) e Experimental (PSE) do IPUSP, que culminou na criação do Braço Clínico, nos anos de 2016 e 2017, e do serviço de atendimento no CEIP voltado à escuta de gêmeos e pais de gêmeos. Com ele, partiram as perguntas que motivaram o nosso trabalho de iniciação científica. Eram as seguintes: o que dizem os psicanalistas acerca da gemelaridade? A gemelaridade é um tema relevante de ser estudado pela psicanálise? Há especificidades nas demandas de atendimento? Essas perguntas estão no ponto de partida do nosso trabalho.

## 2. INTRODUÇÃO

Pelo que sabíamos ao início da pesquisa, eram poucos e relativamente antigos os estudos conhecidos no campo psicanalítico que abordavam diretamente a constituição da subjetividade em gêmeos, e estes o faziam considerando a função fraterna como ponto de articulação entre o “edípico”, “o narcísico” e o “romance familiar” (Leonard, 1961; Zazzo, 1977; Kehl, 2000).

Nesse momento inicial, partindo do consenso sobre a importância da função da alteridade na constituição da subjetividade humana, supusemos que esta poderia ter especificidades no caso de gêmeos, e possíveis efeitos na clínica. A partir disso foi formulada a questão que norteou a revisão de literatura realizada: há especificidades na condição de gemelaridade que devam ser consideradas e/ou que justifiquem especificidades nos dispositivos clínicos psicanalíticos de atenção e cuidado a pacientes nesta condição?

O objetivo principal daquela pesquisa de I.C. foi levantar as publicações psicanalíticas sobre gêmeos nos principais periódicos da área, seguida de uma análise crítica. Pretendíamos situar as produções científicas nesse campo, procurando também conhecer as lacunas existentes. Realizamos busca nas bases de dados Scielo e Pepweb, utilizando-se de recorte temporal de 2007-2017, e encontramos 27 artigos que tratavam da intersecção de gemelaridade e psicanálise. Em sua maioria, eram artigos de clínicos —de diversos países e orientados por diferentes escolas psicanalíticas— que relataram atendimentos com gêmeos e neles se defrontaram com questões emergentes que estavam diretamente relacionadas à vivência da condição gemelar dos pacientes.

O procedimento para chegarmos nesses artigos foi o seguinte: acessamos as bases de dados Scielo e Pepweb e fizemos uma busca ampla, tendo como parâmetros os descritores “gêmeo” e “psicanálise” [“twin” na Pepweb] e utilizando um recorte temporal de 10 anos. Tentamos refinar a pesquisa adicionando outros descritores e restringindo a busca, mas ao fazer isso, perdíamos resultados importantes. Então mantivemos somente esses dois descritores, tabulamos e refinamos os resultados.

Aproximadamente 1100 resultados foram encontrados, sendo 600 na Pepweb e 500 na Scielo, mas destes somente 27 foram selecionados para discussão posterior. Dessa

forma, excluímos mais de 1000 artigos encontrados na busca. A maioria dos resultados excluídos, se deveu a palavra “gêmeo” / “twin” estar aparecendo em expressões com sentidos variados. Por exemplo: “torres gêmeas”, “twin souls”, “twin drives” e etc. Outra parcela significativa dos resultados referia-se a textos que discutiam manifestações culturais contendo personagens gêmeos. No restante, foram deixados de fora da pesquisa artigos relacionados à genética, que só mencionavam a psicanálise, mas discutiam questões gemelares somente por pontos de vista oriundos da biologia.

Os 27 artigos selecionados forneceram material para a discussão. Nela, as principais questões da gemelaridade que apareceram foram relativas à transferência e a diferenciação entre os gêmeos, além da defesa por parte de alguns autores da necessidade de se escutar o estatuto singular da gemelaridade, correndo-se o risco de prejudicar os tratamentos ao negligenciá-lo. Verificamos também que a maioria dos trabalhos caracterizava a gemelaridade a partir de déficits ou dificuldades — por exemplo, considerando que gêmeos tem que enfrentar maiores desafios [em comparação aos não-gêmeos] na sua constituição subjetiva para tornarem-se singulares. Assim finalizamos o trabalho da I.C.:

Conclui-se por notar a escassa produção do tema da gemelaridade na psicanálise, sendo a maioria das publicações existentes relativas a questões teóricas ou clínicas pontuais. Não obstante a relevância do tema na clínica psicanalítica, e fora dela, constata-se no presente trabalho a necessidade de um debate mais geral, unificado e aprofundado sobre o assunto.” (Ramos, 2017, p.9)

Ao apresentá-lo na edição internacional do Simpósio de Iniciação Científica da USP, um professor responsável pela avaliação dos trabalhos nos fez o seguinte questionamento: em que medida o levantamento realizado tinha validade ou representatividade? Ele conseguia abarcar as questões que os diversos psicanalistas, mundialmente, encontram nos seus consultórios, ao atender pacientes gêmeos?

É sabido que parte importante do conhecimento psicanalítico não se encontra nas bases de dados ou em artigos científicos, por circular em outras esferas, como os consultórios, supervisões, material interno das escolas, congressos, publicações apenas realizadas em livro, entre outros. Logo, não obtivemos um panorama irrestrito sobre as questões implicadas na nossa busca. Não obstante, entramos em contato com autores e artigos que nos interessaram e com os quais aprendemos, que nos forneceram indícios de que era relevante seguir com a investigação.

A iniciação científica foi finalizada, e concluímos que esse campo pouco estudado da gemelaridade se beneficiaria de mais atenção por parte da pesquisa teórica e clínica. No projeto de mestrado demos sequência ao trabalho, examinando mais a fundo as questões encontradas na literatura, e que permaneceram sem resposta, além de outras que surgiam nos atendimentos que realizamos. Para tanto, nos aprofundamos na investigação sobre as possíveis especificidades, atentos à diferença que há entre especificidade e especialidade, ou seja, pensamos no que pode ser específico da clínica psicanalítica com gêmeos e não em uma clínica psicanalítica especializada para gêmeos.

Alguns autores destacavam casos de irmãos gêmeos que se constituem formando entre si um par de opostos complementares (como o saudável e o doente, por exemplo). Outros assinalavam casos em que haveria uma simbiose entre irmãos, marcados por uma vida levada em conjunto e atravessada por grande sofrimento nos momentos de possíveis separações: nas escolas, na escolha profissional, com grupos de amigos, em parcerias amorosas. Havia aqueles que mencionavam um diagnóstico próprio à gemelaridade, como o de Lacombe que formula uma “neurose essencial dos gêmeos”. E os que tratavam da ideia de um sujeito para uma dupla de gêmeos. É possível falar num sujeito de uma dupla de gêmeos? Alguns ressaltavam aspectos próprios da transferência, no que constituiria uma posição ou lugar de gêmeo na transferência, com efeitos marcantes na contratransferência. Haveria alguma marca própria na transferência no tocante aos atendimentos clínicos?

Parte dos artigos discutiam o processo de individuação em meio à condição gemelar e suas consequências. Podemos afirmar que a gemelaridade dificulta o processo de individuação? Outros abordavam alguns efeitos na constituição subjetiva. A operação de constituição da subjetividade tem características próprias quando o gêmeo ocupa um papel primordial? Faz diferença que os clínicos se atentem ao estatuto singular da gemelaridade como propõe Wright? O que exatamente seria “se atentar” a esse estatuto? Essas especificidades que estamos discutindo, são garantidas pela genética? Ou, à parte da genética, seria a criação em conjunto de duas pessoas nascidas simultaneamente que a garante? Talvez o fato de serem nomeadas como gêmeos(as)? Essas especificidades estariam presentes em todos os casos?

Ao longo da pesquisa de mestrado, como sói acontecer, tivemos de escolher entre as diversas questões presentes na temática e definir um recorte. Nos nossos

desenvolvimentos até o exame de qualificação, o recorte escolhido foi trabalhar com a noção de especificidades como chave de leitura dos materiais que tínhamos. Porém, ao avançar na investigação, tivemos de definir quais dentre as especificidades encontradas julgávamos as mais importantes, e encontramos alguns impasses.

Esses impasses com que nos deparamos, ao tentar definir melhor e elencar as especificidades, podem ter sido fruto de um problema preliminar. Na nossa revisão de literatura encontramos uma relativa escassez de trabalhos. Nos textos que lemos, os autores discutem manifestações clínicas relacionados à gemelaridade, mas, ao refletir sobre elas, se utilizam e privilegiam conceitos diversos — como narcisismo, identidade, indivíduo, sujeito, diferenciação, indiferenciação, separação, transferência, contratransferência — com múltiplas acepções, por vezes oriundas de diferentes escolas de psicanálise, e que não necessariamente conversavam entre si. Era como se tivéssemos que lidar com uma “pequena Babel”. Frente a ela, a noção de especificidades poderia nos fornecer uma língua comum e contribuir com o avanço da pesquisa. No capítulo 6, desenvolvemos as especificidades trazidas pelos autores e alguns destes impasses.

Posteriormente, a partir de considerações da banca de qualificação, de colegas do grupo de orientação, de discussões no grupo de pesquisa Gemelar, e reflexões oriundas dos atendimentos clínicos, passamos a dar mais ênfase para a noção de experiência gemelar. Afirmamos que há sim especificidades na clínica com gêmeos e podemos indicar uma série de questões que aparecem nela de maneira privilegiada. Mas encontramos dificuldades ao tentar definir e elencar quais seriam as mais importantes. Essa tarefa tem algo de impossível. Para que pudéssemos elencar as especificidades mais importantes que aparecem na casuística da clínica psicanalítica, seria necessário circunscrevermos um conjunto muito amplo, e dentro dele discriminar quais seriam as essenciais. Não seguimos por essa via.

Com os materiais que tínhamos disponíveis — das conversações e casos clínicos, e dos textos que lemos — optamos por dar enfoque à noção de experiência gemelar, que discutimos mais a fundo no oitavo capítulo. Com ela, pudemos dar sequência às reflexões sobre as especificidades clínicas, mas ao modo de um conjunto aberto. Em linhas gerais, trata-se de uma nomeação que demos<sup>2</sup> para uma série de efeitos heterogêneos que

---

<sup>2</sup> Em consonância com o proposto em artigo que escrevemos no grupo Gemelar, e que está no prelo (Ramos et al., 2021)

aparecem na clínica e que podem ser pensados a partir da gemelaridade, como alucinações de duplos, amigos imaginários, manifestações de indiferenciação entre eu e outro, estreitamento de laços fraternais ou amorosos entre duas pessoas, dificuldades profundas de separação, entre outros. Que podem se dar em diferentes registros: no imaginário, no simbólico e no real. A nossa aposta, ao nos referirmos e classificarmos tais experiências heterogêneas como experiências gemelares, é demarcar um lugar para elas, buscando contribuir para o raciocínio clínico. Além disso, tal noção não é embasada na biologia, ou seja, consideramos que vivências de irmãos gêmeos não necessariamente se inscrevem como experiências gemelares. Por outro lado, algumas experiências daqueles que não são gêmeos, podem, também, ser pensadas como experiências gemelares.

A noção de experiência gemelar ainda é muito ampla para definir o recorte do presente estudo, mas ela funciona como um eixo deste trabalho, a partir de sua operabilidade ou capacidade de articulação. Através desse eixo, tratamos das especificidades encontradas na literatura (capítulo 6), dos efeitos da experiência gemelar em nossos atendimentos (capítulo 7), em considerações sobre o duplo e o indivíduo (capítulo 8), objeto e sujeito (capítulo 9). Buscamos, partindo desse eixo e nessa trajetória, avançar na discussão de uma questão que consideramos essencial dentre as colocadas nessa clínica: que é a questão do singular/individual e do par, ou do destino possível de algumas experiências que não se inscrevem bem num laço social orientado por uma lógica individualista.

### 3. JUSTIFICATIVA

Como aponta Otta (2016), a gemelaridade é uma temática importante de ser pesquisada no campo da saúde e com baixa representatividade da universidade nacional. Há diversas questões atuais que se colocam com o aumento da taxa de nascimentos gemelares no mundo, devido tanto às novas técnicas de fertilização, quanto ao aumento da idade gestacional. Entre elas, existem vieses específicos a serem explorados, como os efeitos de mudanças no laço social, no mercado de trabalho e nas formações familiares. Um pequeno exemplo dessas mudanças é o que se passa em algumas escolas privadas de São Paulo, que tem recebido nos últimos anos um número muito maior do que o habitual de alunos gêmeos. Que são integrantes de famílias que tem filhos mais tardiamente e que realizam mais fertilização *in vitro* (e tem mais recursos financeiros) do que a média da população.

Há uma lacuna de pesquisas em todo um campo que envolve a gemelaridade e justifica novas investigações, que podem contribuir tanto para o avanço do conhecimento quanto para a resolução de problemas que contribuam para a sociedade. Entretanto, raramente alcançam um público mais amplo no debate clínico e psicanalítico. Acreditamos que uma das principais contribuições que o nosso trabalho pode realizar, como um trabalho científico de psicanálise na universidade, com os pesquisadores e instituições interessados que o sustentam, é trazer o debate a público, podendo leva tais questões, nos seus desafios e potencialidades, à um maior número de clínicos.

Nos perguntamos: em que medida a perspectiva psicanalítica pode gerar contribuições? Moretto (2019), ao discutir a psicanálise no contexto hospitalar é assertiva: “o que justifica a presença do psicanalista no hospital é, antes de tudo, a presença do sofrimento, a urgência subjetiva” (p. 78). Aqui também partilhamos deste pressuposto, em primeiro lugar é a presença do sofrimento em algumas experiências gemelares que justifica a presença da psicanálise nesse campo de pesquisas interdisciplinar, assim como foi este o motivo responsável pela entrada do Braço Clínico no projeto mais amplo que investiga o Comportamento de Gêmeos.

E para o campo psicanalítico, o que tal pesquisa pode acrescentar? Acreditamos que a pesquisa e atenção para as questões postas pela gemelaridade pode contribuir para os clínicos que lidam com elas. Para tanto, buscamos elaborar e transmitir algo da

experiência de um psicanalista e de suas reflexões, inserido em grupos de pesquisa e supervisão. Tal clínica nos coloca questões sobre noções e conceitos importantes como sujeito e singularidade, nos ensinando algo sobre eles, permitindo revisitá-los a partir de um novo lugar. Pensamos que assim como ocorre na clínica com crianças — notadamente marcada por especificidades, que ensinam para além da clínica com crianças — algumas questões que atravessamos ao refletir sobre a experiência gemelar podem contribuir para o saber psicanalítico.

Por fim, partilhamos do entendimento de Moretto (2019) que “a pesquisa em Psicanálise na Universidade é um meio privilegiado de análise das demandas sociais” e, no nosso caso, temos por enfoque os sofrimentos relacionados a experiência gemelar, num contexto social marcado pelo individualismo moderno, e com demandas associadas a ele. Para além da aquisição de conhecimento sobre o assunto, busca-se “produzir saber dirigido a comunidade acadêmica a qual pertence e em extensão à sociedade” (Moretto, 2019) e, nesse sentido, essa dissertação compõe um trabalho coletivo — envolvendo o Braço Clínico do estudo com gêmeos, o grupo Gemelar, e outros profissionais interessados— que ultrapassa, em muito, as contribuições individuais do presente autor.

## **4. OBJETIVO**

### **4.1 Objetivo geral**

Investigar as demandas, questões e narrativas de sofrimento trazidas pelos pacientes gêmeos e seus familiares, tanto nos atendimentos realizados quanto na literatura sobre o assunto, de modo que possamos obter subsídios para uma reflexão clínica e crítica a respeito dos ensinamentos e desafios pertinentes a gemelaridade no campo psicanalítico.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar e discutir questões presentes na literatura psicanalítica acerca da gemelaridade.
- Apresentar e discutir o material oriundo do nosso trabalho clínico, em diálogo com a literatura.

## 5. MÉTODO

Este trabalho é uma pesquisa teórico-clínica, que tem como referência o discurso psicanalítico. Tem por objeto os efeitos das experiências gemelares, na clínica e em sua articulação teórica. O método que utilizamos, é, portanto, o método clínico psicanalítico. Sustentamos aqui que o valor dessa articulação da clínica com a teoria se encontra de maneira privilegiada na possibilidade de “a primeira interrogar a segunda” (Moretto, 2019 p.123), num procedimento realizado por Freud desde a constituição da psicanálise.

Freud (1923/2011), em conhecida afirmação, apontou que psicanálise é um nome que pode se referir tanto a um procedimento de investigação de processos psíquicos, quanto a um método de tratamento que se baseia nessa investigação, e também a uma série de conhecimentos adquiridos dessa forma. Tais conhecimentos não chegam a constituir um sistema filosófico, que depois de pronto deixaria de se interessar por novos dados da experiência. Segundo Freud:

A psicanálise não é como um sistema filosófico, que parte de conceitos fundamentais claramente definidos, procura com eles apreender o mundo como um todo e depois, quando completado, não tem mais lugar para novos achados e melhores percepções. Ela se atém aos fatos do seu âmbito de trabalho, busca solucionar os problemas imediatos trazidos pela observação, segue tateando com base na experiência, está sempre incompleta, sempre disposta a ajustar ou modificar suas teorias. (Freud, 1923/2011, p. 270)

De acordo com Silva e Macedo (2016), em psicanálise os processos de escuta se fundamentam na capacidade de investigação dos processos psíquicos inconscientes. Os autores indicam que “nas etapas próprias ao processo de construção e de interpretação dos fatos clínicos (...) é possível observar e constatar que, aliam-se, na investigação, os elementos essenciais de um processo analítico: a escuta, a abstinência, a transferência e a interpretação”. Logo, a condição de interrogante faz parte da sustentação da psicanálise e “as práticas de pesquisa com o método psicanalítico alinham-se, legitimamente, nessa intenção de manter em aberto o conhecimento teórico e clínico” (p.531).

Silva e Macedo (2016) resgataram as afirmações freudianas segundo as quais a psicanálise está sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias, o que lhe garante um caráter de incompletude, e constataram:

A relevância e a pertinência de investigações com o método psicanalítico relacionam-se à vitalidade da escuta e da criatividade e inovação presentes e viabilizadas nas pesquisas psicanalíticas, retomando e renovando os fundamentos de seu saber e de sua prática, ao

mesmo tempo em que estimula fortemente a investigação em Psicanálise como relevante forma de seguir trabalhando e ampliando o legado freudiano. Deve o psicanalista, no exercício de seu ofício, manter-se crítico quanto às condições de seu fazer, possibilitando, através da problematização de seus questionamentos e da condição de compartilhar seus achados, sistematizar suas investigações, fazendo assim avançar a Psicanálise como teoria, método e técnica sustentados na ‘ética do desejo’. (Silva & Macedo, 2016, p 531)

Quanto às marcas da pesquisa psicanalítica, que a diferenciam de outros tipos de pesquisas quantitativas e qualitativas, Iribary (2003) destacou dois pontos fundamentais: “primeiro, porque ela não inclui em seus objetivos a necessidade de uma inferência generalizadora (...) segundo, porque suas estratégias de análise de resultados não trabalham com o signo, mas sim com o significante”. (pp 117-118)

No nosso percurso, as questões que lemos acerca da gemelaridade em publicações teóricas nos interrogaram em nossa elaboração clínica. Ao mesmo tempo, a nossa experiência clínica, de atendimentos e supervisões conjuntas, nos permitiu reler e interrogar, a partir de outro lugar, as questões postas nessa literatura. Buscamos — com base nesse movimento de articulação clínica e teórica — elaborar e transmitir um saber sobre o que aprendemos.

No capítulo 7 dessa dissertação, escrevemos duas vinhetas de casos clínicos. Para tanto, nos orientamos pelo método da construção do caso clínico. De acordo com Fender (2018), o caso clínico é o principal articulador entre o “caráter privado e sigiloso da experiência do tratamento e as pretensões de legitimação científica ou de justificação pública da psicanálise”. Dado tal caráter, o caso clínico “é o que possibilita a comunicação da experiência clínica de outro lugar, que não do relato de uma história.” (p.60)

Acerca da capacidade de transmissão do caso clínico, Fender (2018) ressaltou que ele não transmite a história do paciente, mas sim a psicanálise:

A escrita dos casos visando a publicação implica que este possibilite a transmissão dos achados psicanalíticos sobre a psicopatologia, sua eficácia e de seu método. Ocorre que para que isso seja possível, não funciona a reprodução fiel das sessões e o relato da história de cada caso. Como vimos nas funções da construção, a construção possibilita a investigação da verdade, uma confirmação indireta (como um efeito de verdade em uma estrutura de ficção), e o cerceamento do real (DUNKER, 2011). Essas dimensões possibilitam que um caso clínico se insira em um determinado conjunto, mas que ao mesmo tempo, tenha condições de subverter a categoria onde é inserido. Devido a essa lógica, o caso clínico transmite a psicanálise, e não a história do paciente. (Fender, 2018, p. 74)

Fender (2018) é enfático ao afirmar que a construção de um caso clínico não se confunde com a reprodução da história, do tratamento ou das sessões, mas que o analista

opera uma transformação lógica do acontecimento analítico, “estabelecendo assim as relações e as conexões entre esses elementos que possam proporcionar a transmissão do caso: ou seja, a psicopatologia em questão, o manejo clínico, as dificuldades, o que poderia ter sido feito, entre outras possibilidades”. (p. 107)

Consideramos que as possibilidades de escuta e manejo clínico das experiências gemelares são inúmeras e se dão no caso a caso, na práxis de cada analista e analisante, no seu fazer clínico. A nossa aposta é que a gemelaridade pode ser lida como um dado clínico importante, e, conseqüentemente, fazer diferença no manejo clínico e na condução de tratamentos, nos casos em que seus efeitos estejam presentes.

No seu caráter de dissertação, este trabalho possui apenas um autor, e é de sua responsabilidade a organização, seleção, e escolha do que está aqui escrito. Entretanto, este trabalho não é de todo individual. Boa parte das ideias e do que está aqui discutido é oriundo de formulações de outros autores e/ou coletivas – tanto do que está publicado na literatura, quanto no que formulamos no grupo Gemelar, nas reuniões do grupo de orientação, da clínica. Portanto, o material que nos permite avançar na realização do nosso objetivo, se constitui em meio a uma comunidade científica.

Quanto à ordenação e organização lógica da dissertação, nos baseamos em procedimentos estruturalistas. Para tanto, realizamos a distinção entre a ordem das razões e a ordem das matérias, expondo primeiramente o tempo cronológico do trabalho, para, em seguida, trabalhar suas razões logicamente. Consideramos a ordem das matérias (ou temas) a ordem concreta com que a pesquisa foi se desenvolvendo e a ordem das razões: “a hierarquia de argumentos que logicamente se condicionam uns aos outros.” (Dunker, Paulon & Ramos, 2016, p.106)

O método estrutural procura recolocar em movimento a estrutura, situando-se em um tempo lógico. Para tanto, ele inicialmente dissocia a ordem dos temas ou das matérias, expostas em um sistema filosófico. Em seguida, essas matérias são reordenadas segundo a ordem das razões, ou seja, segundo a hierarquia de argumentos que logicamente se condicionam uns aos outros. Dessa maneira, um tema abordado no fim cronológico de uma obra pode ser reconhecido como logicamente inicial ou primeiro, ao passo que certos temas que aparecem no início de uma investigação podem-se revelar, logicamente, últimos, segundo a ordem das razões. Isso se deve ao fato de que certas descobertas e

necessidades de exposição impõem-se ao que pode ser central em uma obra. (Dunker, Paulon & Ramos 2016, p.106)

Nos itens de apresentação e introdução expusemos parte do percurso contingente em que se iniciou a pesquisa, e com ele, a ordem cronológica em que as questões trabalhadas se apresentaram. No sexto capítulo, apresentamos ao leitor um panorama com os textos encontrados na revisão de literatura, antes de tirar consequências ou fazer uma leitura sobre eles. Por outro lado, a partir da ordem das razões, depuramos dois eixos de leitura acerca das questões gemelares e destacamos a passagem da noção de especificidades para a de experiência gemelar como eixo norteador do trabalho. Tal noção —apesar de ter surgido tardiamente no tempo cronológico da pesquisa — nos serve para realizar uma organização lógica da dissertação, organizando nossas considerações acerca das vinhetas clínicas e dos conceitos de sujeito e objeto a.

### **5.1 Considerações metodológicas**

Este estudo, sendo um trabalho psicanalítico na universidade, não se fez sem a ciência. Neste item, discutimos pontos que lhe atribuem um cunho científico. Primeiro, mencionamos considerações sobre a relação entre psicanálise e ciência. Na sequência trabalhamos com dois pontos enfatizados por Thomas Kuhn e Karl Popper nas suas definições do fazer científico. Apesar de estarmos cientes das críticas e preconceitos de Popper à psicanálise (Pacheco Filho, 2012), são critérios de cientificidade que consideramos pertinentes e que compõe a orientação do nosso estudo: a importância da comunidade científica, discutida por Kuhn, e o critério popperiano de falseabilidade ou refutabilidade, pensado aqui a partir das particularidades do método psicanalítico.

Existem diversos posicionamentos acerca da relação entre psicanálise e ciência. Não percorremos exaustivamente este debate, mas destacamos pontos que nos importam. Conforme mencionado anteriormente, Freud classificava a psicanálise como uma disciplina científica. Segundo Mezan (2007), ele a incluía no campo das Ciências da Natureza, num contexto epistemológico marcado pela divisão entre estas e as Ciências do Espírito. Para Mezan (2007), a divisão contemporânea dos campos do saber já não é mais a mesma daquela época, e hoje seria possível alojarmos a psicanálise no campo das ciências humanas ao lado de disciplinas como a história e a etnologia.

Lacan fez uma ampla discussão ao longo do seu ensino sobre a relação entre a práxis psicanalítica e a ciência, da qual realçamos alguns momentos. Diferentemente de Freud, ele não partiu do princípio de que a psicanálise é, necessariamente, uma disciplina que pertença à ciência, ou que se inscreva inteiramente no discurso científico. No entendimento de Elia (2009, p.9), Lacan realizou um movimento de inversão do anseio freudiano de ser reconhecido pela ciência, ao se perguntar sobre “o que seria uma ciência capaz de comportar a psicanálise?” (Lacan, 1965/1988d).

No texto “A ciência e a verdade”, Lacan (1965/1988d) estipulou uma relação de filiação entre a psicanálise e a ciência, segundo a qual a ciência foi necessária para o advento da psicanálise. De acordo com Elia (2009), são “as conhecidas posições de Lacan: a psicanálise é derivada da ciência, é um passo discursivo, de saber e de práxis, de experiência” e Lacan afirmou “que o sujeito que advém no momento do cogito, correlato do advento da ciência moderna, é o mesmo sobre o qual operamos em psicanálise.” (p.3)

Em momento posterior do seu ensino, e de maneira aparentemente contraditória ao que dissera antes, Lacan afirmou, se referindo a psicanálise enquanto prática que, “como Karl Popper mostrou com insistência”, a psicanálise “não é absolutamente uma ciência porque é irrefutável. É uma prática, uma prática que durará o que durar. É uma prática de tagarelice” [Lacan, 1977/2000, citado por Pacheco Filho (2012), p.109].

Não pretendemos chegar a uma posição definitiva sobre a relação entre psicanálise e ciência: se é de pertinência, de filiação, de inclusão externa ou alguma outra. Entretanto, argumentamos que a psicanálise não se faz sem a ciência, ou seja, no mínimo não se trata de uma relação de pura exclusão. Por outro lado, como pensarmos a afirmação lacaniana de que a psicanálise enquanto prática é irrefutável?

Entendemos que nem tudo em psicanálise é irrefutável. Para Freud (1923/2011), a psicanálise nomeava, entre outras definições, os conhecimentos adquiridos a partir da prática clínica, de investigação e tratamento. Estes conhecimentos, que formam seu arcabouço teórico, tem um caráter afeito à refutabilidade. Para pensar as condições de tal refutabilidade, discutiremos os critérios de Kuhn sobre a comunidade científica, e de Popper sobre falseabilidade.

Kuhn (1962/1975) ao refletir sobre as revoluções científicas, constatou que grande parte do fazer científico não é revolucionário, mas o que ele denominou de ciência normal. Os momentos revolucionários são aqueles marcados por cortes epistemológicos, em que

ocorrem grandes descobertas e rupturas que alteram as bases de como a ciência é feita, culminando na passagem entre diferentes paradigmas científicos, que orientam e determinam como esse fazer científico se dá. A ciência normal é então pensada como uma tarefa comunitária de levar a cabo às consequências de um determinado paradigma:

uma comunidade científica, ao adquirir um paradigma, adquire igualmente um critério para a escolha de problemas que, enquanto o paradigma for aceito, poderemos considerar como dotados de uma solução possível. Em uma larga medida, esses são os únicos problemas que a comunidade admitirá como científicos ou encorajará seus membros a resolver (Kuhn, 1962/1975, p. 60).

Nesse sentido, Pacheco Filho (2012) e também outros autores ressaltaram o espaço dado aos momentos de ciência normal dentro do empreendimento freudiano e da comunidade psicanalítica:

Freud foi indubitavelmente um revolucionário (ou um subversivo, se tivermos preferência pelo termo): mas não o tempo todo! Em boa parte de suas investigações, dedicou-se a consolidar o revolucionário aparato teórico, conceitual, metodológico, epistemológico, clínico e ético por ele instituído. E, como procurei argumentar, isso é parte legítima das atividades em um campo científico. (Pacheco Filho, 2012, p. 112)

Temos, portanto, a importância de uma comunidade científica, enquanto instância formada por pares, de reconhecimento, consolidação e ampliação de um campo do saber. Entretanto, uma comunidade de pares, por si só, não garante que haja um fazer científico. Por isso, nos perguntamos, ainda: em que medida aquilo que é compartilhado pela comunidade psicanalítica (e também em interlocução interdisciplinar) pode ser considerado científico?

Popper, ao sustentar o seu conceito de falseabilidade como critério de cientificidade, teceu críticas ao positivismo lógico do círculo de Viena, tido pelo autor como um empirismo ingênuo cujo critério científico era o verificacionismo. Em linhas gerais, nessa corrente defendia-se que a prova dos enunciados científicos se dava de maneira positiva, ou seja, pela observação concreta de um mesmo fenômeno. Após este ser verificado, estaria provado cientificamente. Entretanto, para Popper, não bastava que um fenômeno (ou sua aferição) se repetisse com grande frequência para que tivéssemos a garantia que ele iria continuar se repetindo sempre, e, ainda, que isso se devia a uma lei ou enunciado universal. Pelo contrário, só teríamos a garantia de que aquele fato se repetiu até o momento:

Ora, de um ponto de vista lógico, está longe de ser óbvio que estejamos justificados ao inferir enunciados universais a partir dos singulares, por mais elevado que seja o número

destes últimos; pois qualquer conclusão obtida desta maneira pode sempre acabar sendo falsa: não importa quantas instâncias de cisnes brancos possamos ter observado, isto não justifica a conclusão de que todos os cisnes são brancos. (Popper, 1934/1975. p. 263).

Uma narrativa semelhante, que também ilustra esse argumento epistemológico, se encontra na fábula do peru indutivista, atribuída a Bertrand Russel. Nela, um peru reflete se seus donos vão ou não lhe matar. Ele observa todos os dias que os seus donos não lhe matam, e, pelo contrário, que lhe alimentam e tratam muito bem. Esse peru cientista, confiante em suas observações diárias, conclui pela certeza de que não vão lhe matar. Essa certeza se mostra verdadeira, durante certo tempo, até que chega o dia do natal e o peru cientista vira ceia. A moral da fábula é que uma observação repetida não fornece garantia lógica de que haja uma verdade imutável por trás daquela repetição.

Lacan, na conferência de Louvain em 1972, fez uma intervenção que partilha desse pressuposto lógico ao dizer que não temos nem mesmo certeza da morte, que ela é um ato de fé: “A morte entra no domínio da fé. Vocês tem razão de crer que vão morrer, certamente; isso vos dá forças. Se vocês não cressem, poderiam suportar a vida que tem? (...). Entretanto, não é nada mais do que um ato de fé; é que vocês não tem certeza.” (Lacan, 1972). Uma das possibilidades de leitura dessa fala é a seguinte: a observação de que todas as pessoas até então morreram, não nos dá garantia de que iremos morrer, a rigor só há uma probabilidade muito alta de que isso ocorra.

Conforme discutimos, Popper era um crítico do positivismo e de seu critério verificacionista (no qual são os fatos ou dados observados repetidamente que garantem a verdade dos enunciados científicos). Partindo dessa crítica, ele propõe outro critério de demarcação científica. Ao invés da cientificidade de determinada teoria se basear na comprovação factual dos seus enunciados, ela se daria na sua possibilidade de ser refutada ou falseada. O que for irrefutável, nessa visão, não tem status científico.

A crítica de Popper à psicanálise vem do fato desta ser considerada por ele uma disciplina irrefutável. Tendo em mente a observação de Lacan, podemos dizer que a prática clínica — enquanto uma experiência concreta que se através da fala e linguagem — não compreende a refutação mesmo. Não é possível refutar uma prática. Não dá pra refutar uma partida de futebol ou uma prática de yoga, por exemplo. Entretanto, as formas de interpretar, teorizar e transmitir o saber psicanalítico podem ser refutadas, a exemplo do praticado por Freud ao longo de sua trajetória: “Aí está! Freud não apenas tinha disponibilidade para considerar os fatos cuja interpretação não se harmonizavam com sua

teoria, e modificá-la, como de fato o fez. Popper é que não considerou isto em sua argumentação”. (Pacheco Filho, 2012, p.113)

Para que haja refutabilidade, em ciências como a física e a química, é preciso que haja condições de reprodução, ou seja, é preciso que um fenômeno se produza do mesmo modo, se repita identicamente, caso determinadas circunstâncias sejam mantidas constantes. Caso o fenômeno esperado deixe de se repetir nessas circunstâncias, ele pode ser refutado. Tomamos como exemplo a lei da gravidade, que tem como uma de suas consequências observáveis o fenômeno de uma maçã que cai do galho de uma árvore ser sempre atraída em direção a Terra. Isso se repetirá sempre. Se algum dia a maçã for observada subindo ou flutuando, por algum motivo qualquer, a lei da gravidade seria refutada. Como pensar as condições de reprodução e repetição na psicanálise?

As condições próprias à clínica psicanalítica impossibilitam sua reprodutibilidade, e dificultam sua formalização. Cada análise é uma experiência inexoravelmente singular, o que constitui um dos desafios da transmissão em psicanálise. Não é possível reproduzir um caso clínico, já que cada caso é um caso, com uma dinâmica transferencial e idiosincrasias próprias. Pela teoria do significante, sabemos que não temos nem garantia de que a mesma palavra tenha o mesmo significado se for dita mais de uma vez, como no verso de Gertrude Stein (1922): “uma rosa é uma rosa é uma rosa”. Se trata de mesma rosa?

Ademais, só há clínica e inconsciente a partir de uma fala (não necessariamente fonética) dirigida para um psicanalista. E tal experiência não pode ser reproduzida para um observador externo. Há sim pontos que se repetem em psicanálise, como a regra técnica fundamental da associação livre (Freud, 1923, p. 250), que é um ponto passível de repetição em cada experiência clínica. Mas mesmo ela pode não ocorrer (alguém pode falar para um psicanalista e não haver análise ali), ou seja, em determinados casos ser refutada. Portanto, uma refutabilidade/falseabilidade que leve em conta a clínica psicanalítica não se dá pelo procedimento de reproduzir as “condições iniciais” e verificar se seus resultados se repetem. Tal procedimento não funciona pra psicanálise.

Na práxis clínica, no seu andamento ou na sua elaboração, a teoria metapsicológica pode ser falseada. Freud (1923/2011) enfatizou este ponto ao afirmar que a disciplina está sempre incompleta e novos fatos podem sempre levar a revermos a teoria. Um psicanalista sempre pode falsear algo da teoria. Mas ela não pode ser falseada para

todos de uma vez, por não ser identicamente reprodutível. Esse é justamente um dos pontos que marcam a diferença do discurso psicanalítico para o discurso médico. Apesar dos desafios que se impõe, é uma das características que contribuem para sua efetividade. Por não ser inteiramente reprodutível, há sempre um espaço de invenção no dispositivo psicanalítico. Como colocou Radmilla Zygouris: “quando os analistas se sentem mais livres em permitir que o analisando questione o dispositivo, um espaço costuma se liberar para análise de um sujeito singular que reinventa, pelo menos em parte, sua própria análise.” (Zygouris, R., 2011, p.12)

Essa falseabilidade possível na psicanálise também se faz presente no terreno da transmissão e da formação. A experiência psicanalítica não se reproduz, mas para que continue se produzindo, há transmissão. Vocábulo oriundo do latim *trans mittere*, tem etimologia que indica: enviar alguém a algum lugar, além. Parte da transmissão se dá pela via do escrito e da leitura. Nela, são os leitores da comunidade psicanalítica, que podem (ou não) falsear determinadas considerações teóricas, colocando algo de si, no caso a caso de suas clínicas.

Nesse trabalho não se pretende fazer diferente. Fizemos uma leitura de autores que discutem experiências gemelares. Também escrevemos vinhetas de casos clínicos que atendemos, não como exemplos ou ilustrações teóricas, mas como construções que permitam ao leitor um posicionamento. Concordamos com a provocação lacaniana de que a prática psicanalítica, enquanto prática, é irrefutável. Porém, essa dissertação, enquanto trabalho científico, não se confunde com a prática clínica. Logo, esperamos que ela seja refutável para nossos leitores. Ou seja, que estes possam, caso o desejem, interrogar as considerações teóricas aqui propostas. Mais do que propor uma verdade sobre experiências gemelares, pretendemos enviar alguém a algum lugar, além.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...)

*Só agora descubro  
como é triste ignorar certas coisas.*

*(Na solidão de indivíduo  
desaprendi a linguagem  
com que homens se comunicam.)*

*Outrora escutei os anjos,  
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.*

*Nunca escutei voz de gente.  
Em verdade sou muito pobre.*

*Outrora viajei  
países imaginários, fáceis de habitar,  
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio.*

*Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.  
Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.*

*Então, meu coração também pode crescer.*

*Entre o amor e o fogo,  
entre a vida e o fogo,  
meu coração cresce dez metros e explode.*

*- Ó vida futura! Nós te criaremos.*

*[Drummond, 1940]*

Iniciamos esse estudo com uma indagação sobre as especificidades presentes na clínica psicanalítica com gêmeos e sobre a possível relevância de um psicanalista estar advertido do tema. Tínhamos por objetivo investigar demandas e narrativas de sofrimento próprias, de modo a obter subsídios para uma reflexão clínica e crítica a respeito dos ensinamentos e desafios pertinentes a gemelaridade no campo psicanalítico.

A partir da revisão da literatura, entramos em contato com artigos que abordavam casos clínicos e nos falavam de efeitos da gemelaridade nestes atendimentos. No nosso primeiro contato com esses textos, buscamos analisar se haviam e quais seriam as especificidades pertinentes a tal clínica. Com o avanço do trabalho, concluímos que há sim especificidades. Argumentamos que assim como ocorre, por exemplo, na clínica com crianças — notadamente marcada por especificidades, que ensinam para além da clínica com crianças — algumas questões marcantes da experiência gemelar podem contribuir para o saber psicanalítico em geral, para além das suas particularidades.

No capítulo seis, construímos um panorama com os principais textos encontrados na literatura, categorizados a partir do enfoque dos clínicos, dos pais de gêmeos e de gêmeos que publicaram sobre suas experiências. Vimos, neste panorama, que os autores utilizam e privilegiam conceitos diversos para tratar das especificidades da condição gemelar, entre eles: narcisismo, identidade, indivíduo, sujeito, diferenciação, indiferenciação, separação, transferência, contratransferência.

Alguns dos clínicos, mencionaram dificuldades ao atender casos complexos, como nos relatos de Cañizares (2010) e Rappoport (2010), que se depararam com casos marcados por grande sofrimento, nos quais suas interpretações não surtiam efeitos. Parte dos psicanalistas, como Dowd (2012), Rappoport (2010), Grand (2013) e Prais (2018), relataram a necessidade de invenção de novas formas de escuta e manejo para lidar com as questões gemelares que apareceram em seus casos, o que lhes permitiu rever alguns postulados teóricos com os quais trabalhavam, e contribuiu para o andamento desses casos e para escuta clínica desses psicanalistas.

Para além dos conceitos e especificidades destacados, depuramos dois eixos de leitura e posicionamento dos autores quanto às questões gemelares. O primeiro deles toma por base o desafio dos gêmeos no tocante à aquisição de uma identidade individual e considera que eles tem uma dificuldade a mais para se diferenciarem e alcançarem uma

identidade única, fugindo de um narcisismo mortífero ao qual a condição gemelar predisporia. Nos detivemos nele, em especial, a partir dos trabalhos de Scalco e Donelli (2014) e Marquez (2008). Vimos que, segundo tal raciocínio, é fundamental que os gêmeos se separem para que consigam constituir uma identidade individual. As especificidades da gemelaridade, sob essa perspectiva, são tidas apenas como interferentes, em relação ao processo de individuação que seria o “normal”.

O segundo eixo, que contrasta com o anterior, frisa a importância de os clínicos estarem atentos ao que é próprio das experiências dos gêmeos e não tratá-los pela ótica dos filhos únicos, dando especial atenção às vivências do par e as marcas deixadas por estas na constituição da subjetividade. Além disso, tais autores se interrogam sobre novas possibilidades de manejos em casos de gêmeos (como atendimento de dois irmãos por um mesmo psicanalista), que geralmente não são cogitadas em casos de não gêmeos. A partir de nossa experiência clínica, valorizamos as considerações dos autores que localizamos nesse segundo eixo — como Grand (2013), Simon (2016), Morgenstern (2018) e Gueller (2018) — e aprofundamos nossas investigações sobre a relação entre o individual, o singular e o par. Para tal discussão, tomamos por base a noção de experiência gemelar.

Tal noção surgiu nos encontros do grupo de pesquisa Gemelar, na parceria Sedes/Ipusp, e teve papel importante nas nossas supervisões e discussões clínicas (Ramos et al, 2021). Nos valendo da distinção entre vivência e experiência, pensamos em efeitos da experiência gemelar na clínica psicanalítica, entendendo que estes não se garantem só pela biologia ou pelas vivências, mas dependem do sujeito. Tal noção nos permitiu trabalhar com as possibilidades particulares e criativas associadas a gemelaridade, e não só a suas manifestações “patológicas”. Ademais, como discutido, a noção de experiência gemelar não se restringe à clínica com gêmeos, e, portanto, nos permite pensar sobre experiências daqueles que não são gêmeos, como amigos imaginários, vivências de duplo e enlances amorosos.

Como discutimos no capítulo oito, podemos pensar a experiência gemelar em suas dimensões relativas aos três registros (real, simbólico e imaginário) da experiência, trabalhados por Lacan. No tocante ao imaginário, exploramos as experiências de indiferenciação entre eu e outro, relacionadas à temática do duplo, que surgiu na psicanálise pelos trabalhos de Otto Rank, mas teve consequências importantes nas obras

de Freud e de Lacan, em especial nos desenvolvimentos relacionados a gênese e constituição do Eu.

No registro simbólico, destacamos as dificuldades do reconhecimento no laço social de experiências cujo denominador não é o indivíduo. Discutimos então, alguns efeitos possivelmente iatrogênicos da cultura individualista e dos valores associados a ela, quando o sujeito é tomado a partir de seu corpo individual, de seu organismo. Como foi visto, a psicanálise lida com o corpo pulsional. Logo, a não distinção entre tais corpos pode ser prejudicial aos tratamentos.

Quanto à dimensão real, discutimos as marcas da dupla na constituição subjetiva, tendo por base o conceito de *objeto a*. No nono capítulo, a partir das considerações de Gueller e Morgenstern (2018) sobre a importância de nos atentarmos a dupla, pensamos nos seus efeitos e destinos através dos conceitos de sujeito e objeto a, trabalhados por Lacan nos seminários 9 e 16. Além disso, a partir do trabalho de Tatit (2016) sobre a singularidade (noção distinta da de particularidade) pensada enquanto uma lógica (e não como um ideal psicanalítico), consideramos que a experiência da dupla não é oposta ao singular. Ou seja, afirmamos que a noção de experiência gemelar nos permite pensar na singularidade de vivências não individuais.

Após o percurso desse estudo, concluímos que é possível tomar a gemelaridade como um dado clínico relevante. Não como uma verdade a priori sobre os sujeitos, mas uma construção, feita no caso a caso e a partir de cada experiência, que pode surtir efeitos na escuta e na direção do tratamento.

Lacan, ao longo do seu ensino, falou reiteradamente da importância de não tomarmos o sujeito psicanalítico enquanto sinônimo do indivíduo. Recuperamos tal distinção que é crucial para clínica psicanalítica e, especialmente, na clínica com gêmeos, dada a importância da dupla e suas marcas na constituição subjetiva. Alertamos para o risco de iatrogenia ao igualarmos sujeito e indivíduo, por vezes sem perceber que isso está sendo feito – por exemplo nos entendimentos de “separação” como separação de física de corpos, ou separação de vidas e percursos individuais. Se houver uma leitura clínica a priori de que os gêmeos devam “se separar” e “se individualizar”, ela pode gerar entraves na direção de determinados tratamentos.

Por fim, cabe a pergunta: o que a clínica com gêmeos me ensinou? A clínica com gêmeos me ajudou no entendimento e no questionamento de conceitos psicanalíticos

importantes como diferença, sujeito, singularidade, duplo, transferência entre outros trabalhados neste estudo. Ao tensionar esses conceitos, em meio aos desafios e impossíveis próprios da gemelaridade, creio que houve um ganho no raciocínio clínico. Contribuindo, assim, para minha formação.

Carlos Drummond de Andrade estreou sua carreira enquanto poeta com o livro *Alguma Poesia* (1930). No poema que abre o livro, *Poema de Sete Faces*, constam os seguintes versos:

*Mundo mundo vasto mundo*  
*Se eu me chamasse Raimundo*  
*Seria uma rima, não seria uma solução*  
*Mundo mundo vasto mundo*  
*Mais vasto é meu coração*

Dez anos depois, no livro *Sentimento do Mundo* (1940), em oposição ao que dissera antes, Drummond publica um poema chamado *Mundo Grande*, que começa com os seguintes versos: “Não, meu coração não é maior que o mundo, ele é muito menor”. Ao longo do poema o eu lírico vai dizendo sobre como é grande o mundo, que ele é muito maior do que seu coração e do que sua solidão de indivíduo. É o mundo da voz de gente, da linguagem dos homens, aquele que cresce todos os dias. Ao final do poema, o coração de indivíduo explode, dando lugar a um “nós”: “Meu coração cresce dez metros e explode. Ó vida futura, nós te criaremos”.

A dupla, o “a gente” dito pelos gêmeos, na experiência gemelar nos ensinam sobre as possibilidades paradoxais de sermos um nós. Em tempos marcados pelo individualismo exacerbado e por violência oriunda da segregação em meio a coletividade, é importante refletirmos sobre condições de possibilidade das vivências e experiências marcadas pelo “nós”. Como buscamos argumentar ao longo do capítulo nove, não necessariamente o conceito de sujeito (tomado enquanto intervalo significativo do qual se ocupa o ser falante) é o mais interessante para lidarmos com esse “nós”.

Intentamos fugir de uma alternativa binária, na qual haveria de um lado o singular, e, de outro, a dupla. Para tanto, tecemos considerações sobre o real das experiências gemelares como um resto, como marca da singularidade de experiências, as quais não

vivemos enquanto indivíduos. Singularidade como uma noção entendida a partir das considerações de Tatit (2016), ou seja, representando um movimento — de fechamentos e aberturas, como as emergências do inconsciente — e não como um ponto ao qual se almeja chegar.

Apontamos então: os gêmeos nos ensinam sobre esse “nós” experienciado em conjunto, que pode ser pensado a partir do conceito de objeto a. Indicamos, com isso, possibilidades de reflexão acerca de experiência coletivas, para além de uma visão individualista que nos deixaria entre duas opções inevitáveis: de um lado uma “massa” (na qual os sujeitos estão assujeitados), de outro “a singularidade do sujeito” como única forma de escapar da massa. Esse ponto constitui, ao mesmo tempo, um resultado e um limite ao qual chegamos nesse trabalho. Acreditamos que ele poderia ser melhor desenvolvido, em algum outro lugar.

Esperamos que os leitores e clínicos possam se valer e questionar as considerações aqui propostas, em especial, nos casos marcados pelos efeitos da experiência gemelar.

Concluimos, com uma citação de Zazzo, no texto de Gueller (2018): “Se há algo que os gêmeos nos ensinam é sobre o amor de longa duração ou sobre nossos sonhos imaginários do amor”

## 11. REFERÊNCIAS

- Alves, M. A. et al. (2012). O mito de Sísifo e a falha do trabalho do negativo: um percurso clínico. *Jornal de Psicanálise*, 45(83), 115-125.
- Alt, M. & Benetti, S. (2008). Maternidade e depressão: impacto na trajetória de desenvolvimento. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 389-394.
- Arlow J. (2008) Unconscious fantasy and disturbances of conscious experience. *Psychoanal Q.*,38(1):1-27. (Obra original publicada em 1969)
- Cañizares, J. (2010), The strange case of Dr Mantle and Dr Mantle: David Cronenberg's Dead Ringers. *The International Journal of Psychoanalysis*, 91: 203-218.
- Cronenberg, D. (Diretor) (1988). *Dead Ringers* [Filme]. Morgan creek Productions.
- Dunker, C, Paulon C. & Ramos J. (2016) *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas* (1a. ed.). São Paulo : Estação das Letras e Cores.
- Denardin, D., et al (2013). Gemelaridade imperfeita: um dilema clínico e ético. *Revista Paulista de Pediatria*, 31(3), 384-391.
- Dowd, A. (2012). Primal Negation as a Primitive Agony: Reflections on the Absence of a Place-For-Becoming. *Journal of Analytical Psychology*, 57:3-20.
- Drummond, C. (1930) *Alguma poesia*. Belo Horizonte: Sociedade Editora Amigos do Livro.
- Dummond, C. (1940) *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti.
- Drummond, C. (1951) *Claro Enigma*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Elia, L. (2009). Por uma psicanálise desavergonhada diante da ciência. In H. Caldas, & S. Altoé (Orgs.), *Psicanálise, universidade e sociedade* (pp. 29-37). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Fender, W. (2018) *Momento de construir: a construção do caso clínico em psicanálise*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Fink, K. (2007). Supervision, Transference and Countertransference. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88:1263-1273.
- Freud, S. (2016). A negação. In S. Freud, Obras Incompletas de Sigmund Freud: *Neurose, psicose e perversão*. São Paulo: Autêntica. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In S. Freud, Obras Incompletas de Sigmund Freud: *O Infamiliar/Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (2011) *Psicanálise e teoria da libido* São Paulo: Companhia das Letras.

- (Sigmund Freud obras completas, 15). (Obra original publicado em 1923)
- Garcia, C.A., & Coutinho, L.G. (2004). Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. *Psychê*, 8(13), 125-140.
- Gueller, A. (2018). Par ou Ímpar. In Gueller, A. & Morgenstern, A. (Orgs.) *Atendimentos Psicanalítico de gêmeos* (Cap. 4, pp.65-90) . São Paulo: Zaragoni
- Gueller, A. & Morgenstern, A (2018). Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos. In Gueller, A. & Morgenstern, A. (Orgs.). *Atendimentos Psicanalítico de gêmeos* (Cap. 1, pp.21-44) . São Paulo: Zaragoni
- Grand, S. (2013). God at an Impasse: Devotion, Social Justice, and the Psychoanalytic Subject. *Psychoanalytic Dialogues*, 23:449-463.
- Hayton, A. (2009). Attachment Issues Associated with the Loss of a Co-twin before Birth. *Attachment: New Directions in Psychotherapy and Relational Psychoanalysis*, 3:144-156.
- Harris, M. (1982/2011). Chapter Five: Growing points in Psychoanalysis Inspired by the work of Melanie Klein (1982). In *The Tavistock Model: Papers on Child Development and Psychoanalytic Training*, 65-91
- Jalley, E. (2009) *Freud, Wallon, Lacan: a criança no espelho*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Jerusalinsky, J.. (2018). Quase eu! A Fantasia de Destinos Intercambiáveis na Relação entre Irmãos como um Par Primordial. In Gueller, A. & Morgenstern, A. (Orgs.). *Atendimentos Psicanalítico de gêmeos* (Cap. 2, pp.46-65) . São Paulo: Zaragoni
- Kahn, C. (2012). Aspects of Narcissism and Symbiosis, or, Essential Neurosis of Twins. *Psychoanalytic Review*, 99:315-332.
- Kehl, M. R. (2000). Existe a função fraterna? In: M. R. Kehl (Org.), *A Função Fraterna* (pp. 31-47). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Knafo, D. (2012) Alone Together: Solitude and the Creative Encounter in Art and Psychoanalysis, *Psychoanalytic Dialogues*, 22:1, 54-71, DOI: 10.1080/10481885.2012.646605
- Kuhn, T. (1962) *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1975)
- Lacan, J.(1972). *Conferência em Louvain*. [online]. Disponível em: <<http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Conference-a-Louvain-le-13-octobre-1972,013>>. Acesso em: 03 de maio de 2021
- Lacan, J. (1998a). O estádio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1937).

- Lacan, J. (1988b). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: J. Lacan, *Escritos* (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1945).
- Lacan, J. (1998c). A agressividade em psicanálise. In: J. Lacan, *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1948).
- Lacan, J. (1998d). A ciência e Verdade. In: J. Lacan, *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1965).
- Lacan, J. (1988e). *O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1963-1964).
- Lacan, J. (2003). *O seminário, Livro 9: A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (não oficial).
- Lacan, J. (2008) *O seminário, Livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1968-1969)
- Lacombe, P. (1959). The problem of the identical twin as reflected in masochistic compulsion to cheat. *International Journal of Psycho-Analysis*, 40:6-12 [apud Kahn].
- Leonard, M. J. (1961). Problems in identification and ego development in twins. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 16:300-320.
- Magagna, J. (2007). Transformation: from twin to individual. *Journal of Child Psychotherapy*, 33:51-69.
- Marquez, I. (2008). *Gêmeos, subjetividade e narcisismo: especificidades interferentes*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza humana*, 9(2), 319-359.
- Morgenstern, A. (2018). Gêmeos — Quando as Fronteiras se Desenham no Esgarçamento. In Gueller, A. & Morgenstern, A. (Orgs.). *Atendimentos Psicanalítico de gêmeos* (Cap. 4, pp.91-110) . São Paulo: Zaragoni
- Moretto, L. (2019) *Abordagem psicanalítica do sofrimento nas instituições de saúde*. São Paulo: Zagodoni
- Otta, E. (2016) Diferentes entre iguais – Estudo do comportamento de Gêmeos Brasileiros. Projeto submetido à chamada MCTI/CNPQ No 01/2016 - Universal
- Pacheco Filho, R. A. (2012). Interpretação em psicanálise e em ciência: contrapontos. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (25), 107-120.
- Polderman, T. et al (2015). Meta-analysis of the heritability of human traits based on fifty years of twin studies. *Nature Genetics*, 47, 702–709.
- Popper, K. R. (1975) “A lógica da investigação científica”. In *Popper, Schlick e Carnap*. Tradução e seleção de Pablo Rubén Mariconda. Coleção Os Pensadores. São Paulo:

- Abril Cultural. (Obra original publicada em 1934).
- Prais, S. (2018). Tecendo pele singular no setting analítico. In Gueller, A. & Morgenstern, A. (Orgs.). *Atendimentos Psicanalítico de gêmeos* (Cap. 5, pp.112-125) . São Paulo: Zaragoni
- Ramos, G. (2017). *Literatura psicanalítica sobre gêmeos : especificidades da clínica*. Relatório de iniciação científica, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Ramos et al (2021) *A Experiência Gemelar: a Constituição do Eu, o Duplo e as Relações Fraternas*. Artigo no prelo.
- Rank, O.(2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Dublinense. (Obra original publicada em 1925)
- Rappoport, E. (2012). Creating the Umbilical Cord: Relational Knowing and the Somatic Third. *Psychoanalytic Dialogues*, 22:375-388.
- Scalco, M.O. & Donelli, T.M.S (2014) Os sintomas psicofuncionais e a relação mãe-bebês gêmeos aos nove meses de idade. *Temas em Psicologia*, 22(1), 55-66
- Shirley, O. (2016). The Effects of Opposite-Sex Twinship on the Adult Twin. *British Journal of Psychotherapy*, 32:109-124.
- Simon, R. (2016). There Is No Such Thing as a Baby: Early Psychic Development in Twins. *Contemporary Psychoanalysis*, 52:362-374.
- Stein, G. (1993) *Geography and Plays*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press. (Original publicado em 1922).
- Tatit, I. (2012) *Do discurso de isolamento a uma experiência de solidão*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Tatit, I (2016) *A noção de singularidade na psicanálise lacaniana: aspectos teóricos, clínicos e sociais*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Vartzopoulos, I. (2013). Psychic retreat to the body in the face of annihilation anxiety. *International Forum of Psychoanalysis*, 22:43-52.
- Vivona, J.M. (2007). Sibling Differentiation, Identity Development, and the Lateral Dimension of Psychic Life. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 55:1191-1215.
- Wright, E. (2010). A Twin in Psychotherapy. *Attachment: New Directions in Psychotherapy and Relational Psychoanalysis*, 4:268-272.
- Zygouris, R. (2011). *Psicanálise e psicoterapia*. São Paulo: Via Lettera.